

O LIVRO PARADIDÁTICO E A FORMAÇÃO LEITORA NO ESPAÇO ESCOLAR

Sophia Letícia Ramos Gomes (UERJ)

sophis.gomes@gmail.com

Denise Salim Santos (UERJ)

denisesalim50@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre a leitura de livros paradidáticos nas escolas, tendo por base o que preconizam os PCNs de Língua Portuguesa e a atual BNCC. O objetivo final da leitura no espaço escolar deve ser formar leitores, pensadores críticos que leem não apenas as palavras, mas também tudo o que se encontra nas entrelinhas. Para tanto, acreditamos ser de extrema importância a mediação do professor na construção do aluno-leitor, visto que o primeiro torna-se um modelo a ser seguido, uma ponte entre o texto e o aluno até que este último possa torna-se um aprendiz autônomo. Por esse motivo, faz-se necessário o ensino de estratégias de leitura, assim como argumentam Solé (2014) e Kleiman (2013), que irão nortear todo o processo, de modo que o aluno disponha de ferramentas que o ajudem a vencer possíveis dificuldades ao ler textos mais densos e que, idealmente, leve-o a entrar cada vez mais no mundo da leitura de tal forma que não seja mais possível sair dele.

Palavras-chave:

Mediação. Leitura paradidática. Estratégias de leitura.

ABSTRACT

The present work aims to reflect upon the reading of paradidactic books at school staking as the basis the PCN (Parâmetro Curricular Nacional) and the BNCC (Base Nacional Comum Curricular). The final aim of reading at schools must be to form readers, critical thinkers who read not only the words but also everything that is unsaid. For such, it is believed that teacher mediation is essential to help students become readers, as the former becomes a model to be followed, a bridge which connects text and student until the later becomes an autonomous learner. For this reason, the teaching of reading strategies is fundamental as argued by Solé (2014) and Kleiman (2013), as they will guide the whole process so that students have at their disposal the necessary tools, which can help the mover come possible difficulties when reading 'heavier' texts and, ideally, will lead them to entering the reading world deeper and deeper, so in the end it will not be possible to leave it.

Keywords:

Mediation. Paradidactic reading. Reading Strategies.

1. Introdução

É difícil precisar o que faz com que alguém sinta prazer em ler um livro, e por este motivo talvez seja ainda mais difícil estimular alguém para que leia quando não há nenhuma “receita de bolo” ou dica infalível de como obter sucesso na empreitada. Mas existem algumas pistas que podem nos ajudar: leitores precisam ter contato com materiais de leitura para que possam descobrir por si mesmos o que lhes interessa, assim como precisam de algum tipo de estímulo, ainda que seja apenas o contato com outros leitores que lhes sirvam de modelo.

Com isso em mente, trataremos a seguir algumas considerações sobre o papel da escola e do professor como ponte entre o mundo da leitura e o aluno, discutindo algumas estratégias de leitura que possam ajudar na autonomia leitora e lançando luz sobre o trabalho com os livros paradidáticos, muitas vezes o único meio pelo qual o aluno estabelece algum contato com a leitura.

2. O que é leitura?

A leitura pode ser entendida de formas diferentes, mas complementares, dependendo da área de estudos que se propõe a analisar o que está envolvido no processo e que papel desempenha o leitor.

Do ponto de vista da literatura, uma “obra é pessoal, única e insubstituível na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se expressão” (CANDIDO, 2006, p. 144), ou seja, o texto aqui é visto como o produto daquilo que se encontra no interior do autor e pulsa para ser transformado em palavra escrita. Nasce de uma necessidade de comunicar algo que é muito particular e pessoal, tornando-se insubstituível porque não pode ser expresso de outra forma que não aquela que melhor “traduziu” o que se passava nos pensamentos de seu idealizador. O leitor, por sua vez, é esse indivíduo que irá interagir com o texto, posto que a literatura “mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma ‘comunicação’” (p. 144).

Assim, o processo da leitura envolveria autor, texto, leitor e, como consequência dessa interação, um efeito, que poderia aqui ser entendido como o objetivo da arte de modo geral: provocar, inquietar, tirar do lugar comum, fazer pensar, ou, de forma mais simples, gerar prazer, deleite. Contudo, há também uma vertente que vê a arte como algo “inútil”, no

sentido de que ela não serve a propósito algum, é não-utilitária. Nas palavras de Oscar Wilde no prefácio de seu livro *O Retrato de Dorian Gray* (1890), “allartis quite useless”, ou seja, toda arte é bastante inútil, já que existe sem pretensão de ensinar algo ou influenciar seu fruidor.

De certa forma, ler transcende a palavra escrita. Paulo Freire (1989) dissertou sobre o assunto, contando-nos sobre seu próprio processo de aprendizagem: “lia” o mundo à sua volta do ponto de vista de uma criança cercada por seus familiares e pelas pessoas que moravam ao seu redor, com seus costumes e maneiras de falar e agir no mundo. Quando chegou à escola, nem sempre aquelas experiências prévias encontravam sustentação no momento em que a palavra lhe era ensinada formalmente, o que foi um dificultador no processo de alfabetização. A esse respeito, Rojo (2009) tece distinção entre alfabetização e letramento. O primeiro refere-se à capacidade, adquirida na escola, de se juntar as sílabas para formar palavras, as palavras para formar frases, as frases para formar o texto. Ser alfabetizado, portanto, não garante que o indivíduo seja um leitor competente se a leitura não passar do nível da decodificação de sílabas em palavras, que, juntas, não gerem compreensão.

Por sua vez, a leitura de mundo realizada pela criança em fase de pré-alfabetização e por todos nós em certa medida é chamada de letramento (ou literacia, termo traduzido do inglês *literacy*), que consiste nas práticas sociais de leitura de um indivíduo quando de sua interação com o mundo que o cerca. Na verdade, para a estudiosa, o que de fato existe são letramentos, no plural, uma vez que precisamos dispor de vários mecanismos para decodificar as situações sociais em que nos inserimos, e a palavra escrita é só uma parte disso. É por esta razão que pessoas analfabetas conseguem, por exemplo, tomar o ônibus certo para chegar ao trabalho ou lidar muito bem com os números nas relações de compra e venda: aprendem que o ônibus correto possui determinadas cores e símbolos, observam seus familiares cuidando da vendinha da família e sabem assumir seu papel na negociação de preços.

Com efeito, temos que o ato de ler envolve muito mais que apenas quem escreve, o escrito e quem lê: envolve contexto, práticas sociais e experiências situacionais.

Quando se diz que a leitura é um processo, já existe nessa afirmação um posicionamento teórico, visto que, à priori, para tomar lugar, a leitura necessita apenas de um texto e um leitor. Contudo, para existir, esse texto foi escrito por um autor, em uma determinada época, com uma determinada intenção. O leitor, por sua vez, também é um ser situado em

um tempo histórico e pertencente à uma sociedade que pode, ou não, coincidir com a do autor. Assim, para que o texto faça sentido, o leitor precisa ser ativo, ou seja, é necessário que traga para o momento da leitura todo seu conhecimento de mundo e também suas vivências.

Além disso, a leitura é um processo à medida que é neurofisiológica: “nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do aparelho visual e de diferentes funções do cérebro” (JOUVE, 2002, p. 17), mesmo que esta se realize em braile e ao invés dos olhos, as pontas dos dedos ajudam na decodificação da mensagem escrita. As “funções do cérebro” mencionadas pelo autor supracitado são respostas automáticas ao estímulo visual, tátil ou auditivo que o cérebro humano alfabetizado irá produzir.

Dessa maneira, para a área da linguística, o foco da leitura jaz na interação entre autor, texto e leitor (Cf. KOCH; ELIAS, 2006), posto que o primeiro, em geral, pensa para que público-alvo irá escrever e que efeitos pretende gerar com sua obra. O texto, uma vez que está no mundo, pode assumir características diversas dependendo do momento histórico em que é lido e quem é esse indivíduo que lê. Um exemplo disso é a obra de Monteiro Lobato, hoje criticada por conter algumas passagens racistas. O autor é fruto de sua época e de seu meio, e seus escritos refletem isso. De forma alguma podemos diminuir a importância e a qualidade do texto por causa desse fato; é necessário, contudo, refletir criticamente sobre o porquê de tais passagens existirem e como elas estão desatualizadas em relação ao momento histórico em que as lemos. Com isso, temos que o leitor é ativo no processo, contrastando suas experiências com aquilo que lê, de modo a gerar entendimento e filiação ou não aos ideais presentes no texto.

E, do ponto de vista neurológico, processos cognitivos tomam lugar de forma automatizada, assim como acontece quando respiramos ou piscamos. O que interessaria à escola é que esses processos se tornassem conscientes, de modo que o aluno pudesse escolher, dentre uma espécie de cardápio, qual a melhor estratégia deve adotar para compreender melhor o que está lendo. À desautomatização dá-se o nome de metacognição.

Vejamos a seguir mais detidamente as estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas que podem vir a ter papel fundamental na formação do aluno-leitor.

2.1. Como ler melhor? Estratégias de leitura

Ler, como visto na seção anterior, deve ser aprendido, seja formalmente na escola ou através das práticas sociais vivenciadas pelo indivíduo. Em ambiente escolar, o professor desempenha papel primordial na formação leitora do aluno: serve de guia e facilitador do processo, torna-se modelo de leitor a ser seguido e ensina estratégias que ajudam no processo da leitura.

Sobre isso, Collins e Smith (1980 *apud* SOLÉ, 2014) argumentam que o ensino de estratégias de leitura é composto por três etapas: o professor guia todo o processo, demonstrando para os alunos que estratégias utiliza quando lê; os alunos, por sua vez, tomam parte nesse processo fazendo inferências acerca do texto a fim de verificá-las ao decorrer da leitura, e a leitura silenciosa, momento em que o aluno deverá lançar mão das estratégias aprendidas de forma mais autônoma possível.

No entanto, para compreender o que lê, o aluno precisa ter em mente qual o objetivo a ser alcançado. Com isso, Solé (2014) argumenta que os objetivos da leitura podem ser: 1- ler para obter uma informação precisa; 2- ler para seguir instruções; 3- ler para obter uma informação de caráter geral; 4- ler para aprender; 5- ler para revisar um escrito próprio; 6- ler por prazer; 7- ler para comunicar um texto a um auditório; 8- ler para praticar em voz alta; 9- ler para verificar o que se aprendeu.

Antes de adentrar o texto, é necessário, porém, que o conhecimento prévio do aluno seja ativado. Kleiman (2013) postula que o conhecimento prévio se divide em três tipos: o conhecimento de mundo (ou enciclopédico) que diz respeito a toda a bagagem cultural e interacional de um indivíduo. Pode ser adquirido em sua vida cotidiana ou em sala de aula através de contextualizações feitas pelo professor. O conhecimento linguístico, ou seja, o domínio ou não do código, de jargões específicos pertinentes a uma área de estudos, do léxico e a capacidade de se desfazer ambiguidades estruturais. Por último, o conhecimento textual, relacionado à exposição do aluno aos diferentes gêneros textuais de modo que conheça a estrutura inerente a cada um deles.

Para Santos, Werneck e Riche (2012), a ativação do conhecimento prévio acontece levando-se em consideração o conhecimento intercontextual, isto é, a relação de um texto com outro (s) e o conhecimento contextual, que seria o momento em que o texto foi escrito e o momento em que está sendo lido.

Com todas essas prerrogativas em jogo, vê-se que ler é um processo ativo que exige ações por parte do leitor e certo preparo. Por conseguinte, Kato (1982) expõe que todos os processos que envolvem a ativação do conhecimento prévio é uma estratégia cognitiva. Assim, pode-se afirmar que esses processos ocorrem de forma automática e inconsciente e o papel do professor é justamente trazê-los à luz. Quando se tornam conscientes e podem ser controlados pelo leitor, esses processos passam a ser estratégias metacognitivas. Assim sendo, o “estabelecimento de um objetivo explícito para a leitura e monitoração da compreensão tendo em vista esse objetivo” (KATO, 1982, p. 108) é o ideal a ser alcançado em sala de aula.

Como monitorar, porém, o processo? As estratégias para a fase da leitura feita de forma silenciosa pelo aluno consistem em recapitular o que está sendo lido, ler parágrafo a parágrafo retirando-se destes a informação mais importante, e checar ou reformular as hipóteses criadas na fase pré-leitura do texto. É importante que o aluno tente resolver quaisquer problemas de falha na compreensão sozinho, para não prejudicar a dinâmica da leitura e para ir, cada vez mais, se tornando um aprendiz autônomo (Cf. SOLÉ, 2014).

Na fase pós leitura, a autora indica que os alunos podem identificar qual é a ideia principal do texto, elaborar resumos, formular perguntas e respostas para que eles mesmos respondam ou para que seus colegas de classe o façam e assim por diante. Santos, Werneck e Riche (2012) propõem atividades mais voltadas para o lúdico: pode ser realizada uma peça teatral sobre o tema do texto ou livro, bem como histórias em quadrinhos podem ser criadas e ilustrações do texto podem ser feitas. Há também a possibilidade de continuação de parte da história ou até mesmo, o texto em questão pode ser utilizado como elemento pré-textual para outro.

O Parâmetro Curricular Nacional de língua Portuguesa (PCN, 1998) já apontava para a necessidade do trabalho com as estratégias de leitura e com os gêneros textuais, destacando a seleção de informação específica, a antecipação do conteúdo a ser lido, as inferências levantadas a partir da ativação do conhecimento prévio e das formulações de hipóteses e a verificação (ou não) de tudo o que foi levantado durante o momento pré-leitura como as principais ferramentas de que professor e aluno dispõem para que a compreensão do texto seja alcançada, como pode-se perceber no trecho a seguir:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (BRASIL, 1998, p. 69, 70)

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) é o atual documento que norteia os conteúdos que devem ser abordados por cada disciplina. Muitos dos conceitos presentes nos PCNs se encontram neste documento de forma atualizada e de acordo com o uso das tecnologias que estão presentes no cotidiano.

Resumidamente, quanto às estratégias de leitura, o documento propõe as seguintes:

- Ler autonomamente por meio da seleção de textos pertinentes ao momento;
Entender qual é o objetivo da leitura;
- Ativar o conhecimento prévio;
- Estabelecer expectativas para a leitura, criando hipóteses que poderão ser confirmadas ou não ao longo do procedimento;
- Localizar e recuperar informação;
- Inferir ou deduzir informações implícitas;
- Compreender palavras ou expressões pelo contexto;
- Saber identificar palavras e expressões pelo contexto (ou seja, entender que, dependendo do contexto em que aparecem, podem significar outra coisa, e não o que originalmente se espera. Diferença do item acima, já que para o primeiro, o leitor desconhece a palavra ou expressão, “aprendendo” seu significado com a leitura, enquanto no segundo, o leitor dá novas significações a algo que já conhece);
- Apreender os sentidos globais do texto;
- Reconhecer / inferir o tema na fase da pré-leitura;
- Articular o texto verbal com os elementos não textuais;

- Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos; e
- Saber lidar com a não linearidade da leitura.

Muitos desses tópicos já foram mencionados anteriormente, contudo, vale frisar alguns pontos sobre alguns deles. “Aprender os sentidos globais do texto” acontece por meio de dois recursos, o *scanning* e o *skimming*. O primeiro diz respeito ao escaneamento do texto a fim de se achar pistas sobre determinados assuntos já conhecidos pelo leitor, ou seja, procura-se por informações específicas. O segundo, trata-se de se analisar rapidamente os elementos pré-textuais como as imagens, o título, as cores, enfim, tudo aquilo que compõe o texto a fim de se inferir sobre o que se trata. Quando da leitura propriamente dita, o intuito é que seja breve para que se tenha um entendimento global do assunto abordado.

Levando-se em consideração o exposto acima, fica evidente a não-linearidade da leitura: quando lemos, passamos os olhos pela folha e as palavras se agrupam em um todo significativo, não sendo necessário ler cada uma delas; antes, um leitor fluente será precisamente o que não perde muito tempo na decodificação, mas que infere, à medida em que lê, quais palavras fazem sentido naquele contexto, a fim de evitar um “engarrafamento” de informações (Cf. KLEIMAN, 2013).

A não linearidade da leitura pode ainda ser observada nas dinâmicas de comunicação presentes na atualidade: lemos e escrevemos textos mais curtos em redes sociais como o *whatsapp*, por exemplo, em que as mensagens se encontram geralmente uma embaixo da outra, sem pontuação e repleta de imagens, figurinhas, *gifs* e *emojis*. Sem contar a possibilidade de abrir um link que leve a outro site, a outro texto ou até mesmo a um vídeo. Portanto, uma das marcas da não-linearidade é também a presença de hipertextos, ou seja, a partir de uma leitura é possível chegar a outros textos e outras semioses.

Em uma tentativa de explicitar melhor em que momentos as estratégias propostas pela BNCC (2017) se encaixam no ensino de leitura, o quadro abaixo foi criado de modo a dividi-las de acordo com as etapas propostas por Collins e Smith (1980 *apud* SOLÉ, 2014).

Estratégias de leitura segundo as etapas sugeridas por Collins e Smith (1980 *apud* SOLÉ, 2014).

Professor “modelo” demonstra as estratégias	<ul style="list-style-type: none"> · Entender qual é o objetivo da leitura; · Ativar o conhecimento prévio
Alunos fazem inferências com a ajuda do professor	<ul style="list-style-type: none"> · Estabelecer expectativas para a leitura, criando hipóteses que poderão ser confirmadas ou não ao longo do procedimento; · Reconhecer / inferir o tema na fase da pré-leitura; · Articular o texto verbal com os elementos não textuais;
Leitura silenciosa: o aluno utiliza, sozinho, as estratégias aprendidas	<ul style="list-style-type: none"> · Localizar e recuperar informação; · Inferir ou deduzir informações implícitas; · Compreender palavras ou expressões pelo contexto; · Saber identificar palavras e expressões pelo contexto; · Aprender os sentidos globais do texto; · Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos; · Saber lidar com a não linearidade da leitura

Fonte: Gomes (2020, p. 83).

Falamos brevemente sobre o que se entende por leitura do ponto de vista da literatura, da linguística e do ensino, nos apoiando em estudiosos da área da linguística para resumir as estratégias de leitura que podem ser utilizadas nas aulas. Vale salientar que não existe uma receita de bolo sobre quais estratégias seguir, posto que cada texto e cada leitor é único. O papel da escola, é, então, munir o aluno com ferramentas que o auxiliem a compreender melhor o que lê a fim de tornar-se um leitor fluente e crítico.

3. *A leitura de livros paradidáticos nas escolas*

Não é raro encontrar escolas com iniciativas que visem à implementação de livros paradidáticos no espaço escolar. Existem paradidáticos que extrapolam as aulas de Língua Portuguesa e ajudam na complementação do conteúdo ofertado por outras disciplinas. Contudo, seria esse o papel principal desse tipo de leitura, servir apenas como material complementar ao livro didático e aos conteúdos programáticos?

Talvez esse possa ser um dos motivos de sua existência. Todo livro, ainda que pensado de maneira pouco mais engessada e visando a propósitos mais imediatos, tem o seu valor. O objetivo da leitura, neste caso, está bem claro: o que se busca é ensinar algo.

O conceito de paradidático que propomos se afasta um pouco dessa concepção, já que os clássicos literários não foram feitos para o espaço escolar nem têm, na maioria dos casos, intenção de ensinar algo a alguém (com exceção das fábulas e romances como *Moll Flanders* (1722), de Daniel Defoe, que claramente trazem ensinamentos sobre a vida ou carregam em si certo tom moralizante).

Com efeito, temos que paradidático se refere aos materiais de leitura não necessariamente pensados para o espaço escolar, mas que podem ser utilizados nele, com vistas aos mais diferentes propósitos, sendo o principal deles, formar leitores críticos. Com sorte, também serão formados leitores apreciadores de boas histórias.

Por material de leitura, entendemos tudo aquilo que possa ser apreciado e, por que não, servir de ponte para textos mais elaborados e complexos, como por exemplo quadrinhos, mangás, *fanfics*, *best-sellers*, e assim por diante.

Não podemos ignorar as leituras que os alunos fazem fora da escola; antes, deveríamos prestar mais atenção ao mercado editorial e às tendências do momento, perceber e perguntar diretamente aos alunos sobre o que gostam de ler ou que tipo de entretenimento consomem. É sempre possível estabelecer conexões entre diversas mídias e o mundo da leitura, principalmente com os clássicos, uma vez que suas histórias continuam a servir como inspiração e ponto de partida para muitas das obras que temos no momento, quer sejam romances e outros tipos de materiais de leitura, quer sejam filmes, séries e até mesmo jogos de vídeo game.

O que propomos, então, é que o livro paradidático sirva como ferramenta de leitura, que pode trazer em si um propósito maior como ensinar o aluno a ler o mundo à sua volta com mais perspicácia ou simplesmente se prestar ao serviço de entreter e deleitar.

Machado (2002, p. 18) coloca que a leitura “é uma forma de resistência”, posto que “tradicionalmente, a leitura devia ser para poucos porque ela é sempre um elemento de poder e podia ameaçar as minorias que controlavam os livros”. O acesso aos livros por parte das minorias sempre foi uma questão delicada, por isso é fundamental que as escolas ofereçam bibliotecas atualizadas e que o trabalho com o livro seja realizado de alguma maneira. Muitos somente têm acesso aos materiais de leitura impressos na escola, mostrando assim também a importância do professor como mediador e incentivador da leitura, promovendo o contato entre texto e leitor, principalmente nos tempos atuais, em que existem leis que

preveem a taxaço dos livros, tornando-os ainda mais inviáveis para os menos abastados.

Não há muito material disponível na literatura dos estudos de língua que busque pensar sobre o paradidático e o porquê de eles existirem, apesar de haver bastante discussão sobre o que é leitura e como ela é importante para o desenvolvimento dos alunos. Assim, este artigo não tem somente por objetivo refletir sobre as questões acima expostas, mas também trazer alguns exemplos de materiais de leitura que podem tanto servir como porta de entrada para a leitura dos clássicos na escola, como para quem sabe um dia, a leitura de livros em geral fora dela.

3.1. Possíveis discussões com o livro paradidático

Boas histórias sempre merecem ser contadas e perpetuadas ao longo do tempo, não importando a forma do relato. C.S Lewis (2018, p. 99) diz que “aqueles que têm uma história para contar devem atrair o público que ainda se importa com a narrativa” quando disserta sobre a literatura chamada infanto-juvenil. Para o autor, as crianças leem, primeiramente, por prazer, mas que, “muitas delas, como muitos de nós, nunca leem quando podem encontrar algum outro entretenimento” (LEWIS, 2018, p. 96).

Com isso em mente, por que não unir as formas de entretenimento ao mundo da leitura? Por que desprezar obras de diferentes mídias que dialogam diretamente com clássicos literários?

O próprio C.S Lewis é um autor mundialmente conhecido por sua coletânea de crônicas intitulada “As crônicas de Nárnia”, em que somos apresentados a um universo fantástico onde bruxas, magia, reinos e animais falantes são comuns. O fato mais conhecido sobre essa obra é que esta faz paralelo direto à bíblia e seus ensinamentos, com o intuito de aproximar O sagrado das crianças e todos aqueles que se interessam por literatura infanto-juvenil. Nas palavras do escritor,

Por que as pessoas consideram tão difícil sentir o que lhes é dito que deveriam sentir sobre Deus ou sobre os sofrimentos de Cristo? Concluí que o principal motivo era que lhes tinha sido dito o que deveriam fazer. A obrigação de sentir pode congelar sentimentos. E a própria reverência prejudicava. O assunto todo estava associado a vozes sussurradas, quase como se fosse algo medicinal. (LEWIS, 2018, p. 93)

Com isso, acima de quaisquer crenças pessoais, sabemos que o cristianismo é parte estrutural de nossa cultura ocidental, e que a bíblia é

uma obra importantíssima para que possamos entender melhor aspectos linguísticos e sociais de nossa época. Então, é possível falar sobre o assunto tomando como ponto de partida “As crônicas de Nárnia”, através dos livros ou até mesmo dos filmes. Também é possível usar outros exemplos, como a saga do herói, em “Star Wars”, “O Auto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, que conta com uma adaptação cinematográfica primorosa, dentre outros.

“Star Wars” nos apresenta a disputa entre o bem e o mal de maneira bastante novelesca, mas ainda assim, fica claro que os chamados *jedis* são aqueles que têm fé (pois possuem A Força) e os *siths* são aqueles que decidiram usar os dons que essa fé traz para fazer o mal e, portanto, estão do lado oposto, o lado negro da força. Tendo o mal superado o bem, Luke Skywalker, “o último *jedi* ”, pode ser comparado a Cristo, pois sua missão é derrotar o mal encarnado na figura de Darth Vader.

“O Auto da Compadecida”, por sua vez, relata de forma bem humorada como é a vida no sertão, além de nos apresentar um Jesus negro firme, mas benevolente, uma nossa senhora que advoga em favor dos necessitados e um diabo ardiloso que só perde na argumentação para o personagem principal, João Grilo.

A série “O Mundo Sombrio de Sabrina” (2018–2020) retrata a história de uma jovem bruxa que acaba descobrindo ser filha do senhor das trevas, e precisa decidir se toma o trono do submundo para si ou se continua a viver sua vida “mundana” junto aos seus amigos humanos. Personagens consagrados da literatura como Caliban, de “A Tempestade” (SHAKESPEARE, 1610) e Dorian Gray, de “O Retrato de Dorian Gray” (WILDE, 1890) servem como ponto de partida para que esses autores clássicos possam ser lidos, além de toda referência feita aos universos de H.P. Lovecraft e Edgar Allan Poe, para aqueles que se interessam pelo gênero terror.

Os exemplos citados acima são apenas algumas das obras que circulam pela mídia e que podem servir como discussão inicial acerca da bíblia. Um autor que serve como referencial para os costumes e tradições de nossa época por nos mostrar o contraste do que vivemos hoje em comparação com a segunda metade do século XIX é Machado de Assis.

Apesar de a linguagem trazida em suas criações ser distante da nossa, e assim, na maioria das vezes de difícil compreensão, é extremamente importante que os jovens alunos consigam superar tal estranha-

mento inicial e cheguem a perceber a riqueza da escrita e a genialidade de um dos maiores escritores de todos os tempos.

Para tanto, algumas atividades como dramatização, realização de jornais do tipo tabloide, debates e até mesmo passeios pelo Centro do Rio e arredores para conhecer as localidades descritas e compará-las seriam algumas iniciativas interessantes para mostrar que um texto, ainda que difícil, pode ser rico em detalhes e prazeroso quando trabalhado de maneira agradável.

Para quem gosta de distopias, existem muitos livros e filmes recentes a esse respeito, geralmente voltados para o público jovem. São exemplos “Jogos Vorazes” (2008), “Maze Runner” (2009), “Divergente” (2011) que vez ou outra aparece em cima da carteira de um ou outro aluno na hora do recreio. Livros como os citados podem servir de ponte para outros que se propõem a discutir temas mais profundos como a crítica aos sistemas totalitários de um ponto de vista futurístico, como em “Admirável Mundo Novo” (1932), de Aldous Huxley e “1984” (1949), de George Orwell, que além disso criticam também a sociedade como uma massa alienada que aceita tudo o que vem de cima sem se questionar sobre seu papel dentro desse sistema.

A esse respeito, pode-se traçar um paralelo entre a música “Chained to the rhythm”, de Katy Perry, que critica exatamente a maneira como a sociedade vive em uma bolha, apenas seguindo o ritmo, sem nunca questionar o *status quo* de coisa alguma. Outra música nesse estilo é “Admirável Chip Novo” (2006), da cantora Pitty, a qual questiona todos esses assuntos comparando o ser humano que não exerce seu pensamento crítico a meros robôs.

Apresentamos apenas alguns exemplos de diferentes mídias que podem dialogar diretamente com assuntos abordados em livros clássicos. Tantas outras conexões podem ser estabelecidas, desde que o professor esteja atento e aberto ao diálogo com seus alunos.

3.2. Estratégias de leitura em Harry Potter

Como já salientado na seção anterior, o interesse principal de unir diferentes mídias ao ensino de leitura é estabelecer conexão entre o mundo do aluno e aquilo que é esperado que aprenda na escola.

A saga de livros de Harry Potter é bastante famosa e conta com oito filmes principais e pelo menos dois filmes até o momento derivados

dos livros, a série “Animais fantásticos e onde habitam”, além de todos os rumores de novos lançamentos cinematográficos e para os serviços de streaming. Com efeito, este universo mágico, que já vem encantando gerações há mais de vinte anos, continuará a ser expandido e se manterá relevante pelos próximos anos, sendo assim material rico a ser explorado nas aulas de leitura. O primeiro objetivo a ser alcançado é o prazer em ler.

O segundo objetivo é que esse livro paradidático seja a porta de entrada para outros livros, os “exigidos” pelo programa da escola, aqueles que, geralmente, os alunos dizem “não gosto!”, “não quero ler”, “é chato”. Se o prazer da leitura não for despertado ainda que minimamente no aluno, este dificilmente conseguirá vencer as barreiras de um texto mais denso e distante de sua realidade.

O terceiro objetivo para a leitura dessa série é que as estratégias sugeridas anteriormente possam ser experimentadas pelos alunos na prática.

Por exemplo, a fim de ativar o conhecimento prévio do aluno, o professor pode fazer perguntas mais gerais, como: “o que sabem sobre a história do livro? Alguém já leu ou assistiu aos filmes? Quem é o personagem principal? O que acontece com ele?”. Pode acontecer, inclusive, de alguns alunos dizerem que não gostam da história, que é chato... O importante é deixar que os alunos falem como se sentem e compartilhem suas experiências com os livros ou com outros que tenham lido.

Em um segundo momento, perguntas pré-leitura devem ser feitas sobre a capa do livro (aqui estamos nos referindo ao primeiro da série, “Harry Potter e a Pedra Filosofal”, de 1997). As capas clássicas de todos os livros contam muito sobre o que se passa na história. Usá-las como elemento para a ativação do conhecimento prévio e para a realização de inferências certamente enriquecerá a experiência. O interessante é extrair dos alunos seus palpites e fazê-los encontrar tais elementos durante a leitura, de modo que confirmem ou não suas suspeitas iniciais.

A leitura do primeiro capítulo pode ser realizada em conjunto, com o professor demonstrando as estratégias de que está lançando mão ao ler. Assim, logo pelo título, “O menino que sobreviveu”, pode-se inferir algumas coisas: há um menino nessa história, possivelmente aquele que está na capa, e ele corre perigo de vida em algum momento, já que sobreviveu a alguma experiência de quase morte. Mas o que será que a-

conteceu? Só pelo título não dá para descobrir, porém os alunos devem expor o que acham a fim de checarem ao longo da leitura.

Neste capítulo, somos introduzidos aos familiares de Harry e a alguns personagens “esquisitos” que chegam em motos voadoras e gatos que se transformam em seres humanos. Temos um vislumbre de que existem dois mundos diferentes, o nosso, o mundo dos chamados “trouxas” e o mundo “de gente da laia deles”, como o tio de Harry costuma se referir às origens dos pais do menino. Ainda não temos maiores informações, mas o capítulo termina com a seguinte passagem:

Uma brisa arrepiou as cercas bem cuidadas da rua dos Alfeneiros, silenciosas e quietas sob o negror do céu, o último lugar do mundo em que alguém esperaria que acontecessem coisas espantosas. Harry Potter virou-se dentro dos cobertores sem acordar. Sua mãozinha agarrou a carta ao lado, mas ele continuou a dormir, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria acordar dentro de poucas horas com o grito da Sra. Dursley ao abrir a porta da frente para pôr as garrafas de leite do lado de fora, nem que passaria as próximas semanas levando cutucadas e beliscões do primo Duda... ele não podia saber que, neste mesmo instante, havia pessoas se reunindo em segredo em todo o país que erguiam os copos e diziam com vozes abafadas:

– A Harry Potter: o menino que sobreviveu! (ROWLING, 2000, p. 16)

Antes de iniciar o próximo capítulo, uma atividade interessante consiste em pedir que os alunos imaginem como será a vida do bebê Harry dali por diante, através de ilustrações ou até mesmo continuação da história, de forma escrita ou contada oralmente. A leitura dos próximos capítulos pode ser feita de maneiras variadas, como em grupos, havendo um aluno que lerá em voz alta para os outros; cada grupo pode ficar responsável por ler um capítulo e apresentá-lo aos demais; e claro, a leitura individual, o momento do leitor com o texto pelo simples prazer da viagem.

Após a leitura do livro, que deve levar alguns meses, se possível, pode ser realizada peça teatral, um jornal da turma em que contem os acontecimentos do livro de forma divertida seguindo o modelo do “Profeta Diário” (jornal do mundo bruxo presente nos livros), feira da cultura, trazendo elementos da Inglaterra, onde se passa a história, como também elementos do mundo bruxo, como parte da indumentária, das comidas típicas e um quiz para determinar em qual das quatro casas de Hogwarts (Grifinória, Lufa-lufa, Corvinal e Sonserina) o aluno deverá ficar de acordo com sua personalidade.

Muitas são as possibilidades de trabalho frente a uma história tão rica de elementos e tão cativante. Espera-se, assim, que o mesmo possa

ser feito com “Dom Casmurro”, “O cortiço”, “Grande sertão Veredas” e todas essas obras-primas de nossa cultura, de maneira que essas histórias tenham a chance de cativar os alunos pelo poder de seu relato, sem que haja barreiras quase intransponíveis pelo simples achismo de que são obras chatas porque são impostas. Pelo contrário, são obras prontas para entreter tanto quanto para informar sobre o passado, esperando apenas que a ponte (professor) entre elas e o aluno seja construída.

4. Considerações finais

Este trabalho teve por objetivo refletir brevemente sobre a importância dos livros paradidáticos em ambiente escolar de modo que a escola possa formar leitores críticos e autônomos, que saibam ler e filtrar a informação que chega por meio das mídias e, principalmente, por meio da internet. Com sorte, além disso, leitores fruidores também podem acabar emergindo, e os livros terão cumprido seu propósito (se é que possuem algum): dizer o que têm a dizer pelo maior tempo possível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

FREIRE, Paulo. *A Importância do ato de ler: em três artigos que se complementam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1989.

GOMES, Sophia Letícia Ramos. *Leitura no espaço escolar: estratégias para aprender, mediação para gostar de ler*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: UNESP, 2002.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 15. ed. São Paulo: Pontes, 2013.

LEWIS, C. S. *Sobre histórias*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SANTOS, Leonor Werneck; TEIXEIRA, Claudia Souza; RICHE, Rosa Cuba. *Análise e produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2012.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. (E-book)

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Rio de Janeiro: Mimética, 2019.